



Gregório Augusto dos Santos Filho – 1º Lugar

Nasci em 21 de fevereiro de 1953, em Carolina/MA. Autodidata, desenhista gráfico formado no Senai/RJ e microempresário aposentado na área gráfica. Fui Presidente da Associação das Gráficas e Editoras de Taguatinga/DF e da Associação da Comunidade Santos. Aficionado por leitura de temas diversos. Autor predileto: Érico Veríssimo. Pai de um casal de filhos, avô de 4 netos, tio de dezenas de sobrinhos e oitavo irmão dentre 12. Apaixonado por Carolina, Brasília, pelo Brasil e pela democracia.

Caixas de sonhos e de cidadania

Com cinco anos de idade, estava eu ali, de pés descalços, apenas um calção a cobrir "minhas vergonhas", a observar a sala do Fórum da minha pequena cidade do interior. Na sala, havia várias caixas fechadas com uma corrente fininha e um cadeado aparentemente bem frágil. Na entrada, militares do exército impediam o acesso de estranhos. Pela janela, eu espichado nas pontas dos pés espiava tudo lá dentro: os soldados, com seus fuzis e suas metralhadoras, atentos a qualquer movimentação, orgulhosos da missão.

Um senhor idoso, ao passar pelo local, indagou:

- O que fazes aí, menino?
- Estou olhando. Respondi.
- Olhando o quê? Perguntou o senhor.
- As caixas e os soldados, mas não sei o que é. Pergunto, mas eles não me dão atenção. Respondi.

Então o idoso me disse:

- Desce daí, vou te explicar.

Aquele idoso era muito importante na cidade, muito respeitado e querido, era fazendeiro rico, pelo menos imaginei isso. Lembro-me de tê-lo visto várias vezes na missa na Igreja Matriz, era o único que tinha um banco forrado em

**I Concurso Nacional
de Redação
da Justiça Eleitoral**

veludo azul e uma almofada vermelha-vinho para se ajoelhar. Perguntei para que serviam as caixas. O senhor respondeu:

– Servem para guardar tesouros... guardam os votos, que se transformam em escolas, hospitais, estradas, livros e tudo mais que a gente sonha.

Minha cabeça quase explodiu com tanta informação. Tantas conquistas! Só pude votar aos 28 anos – a cidade onde eu vivia, a Capital da Esperança, era uma cidade cassada, proibida de votar. Agora, aos 69 anos, já participei de oito eleições presidenciais...

Sempre depositando nas urnas aqueles “tesouros” que o senhor idoso me revelara aos cinco anos de idade.

Viva a democracia, a festa da liberdade!

Viva a Justiça Eleitoral, guardiã de nossos tesouros, de nossos sonhos!